

(ECO)MODERNISMO DO IMANIFESTO E A NECESSIDADE DE UMA COSMOLOGIA DO PENSAMENTO

(ECO)MODERNISM OF THE UNMANIFEST AND THE NECESSITY OF A COSMOLOGY OF THOUGHT

Luiz Antônio Gomes Lopes

Advogado, bacharelado e licenciatura em Psicologia, pós-graduado em Segurança Pública e Cidadania pela UERN, pós-graduado em Ciências Penais, mestrando em Ciências Sociais e Humanas pela UERN.

E-mail: lulalopes02@gmail.com

RESUMO

O presente ensaio visa refletir sobre a necessidade do emergir de uma cosmologia do pensamento para que possamos exercer nossa cidadania mundial e assim evitarmos ou retardarmos o processo de extinção e/ou dilapidação de direitos e regimes democráticos. Durante nossa reflexão visitamos o pensamento de inúmeros autores contemporâneos, tais como: Ailton Krenak, Edgar Morin, Giorgio Agamben, Noam Chomsky, Zygmunt Bauman, dentre outros. Evidenciamos algumas reflexões e emergências da nossa época, pautando a possibilidade de uma mudança de rumos através de uma reforma no pensamento que se apresente como manifestação cultural, promovendo, assim, o emergir de uma cosmologia do pensamento que poderia ditar novos caminhos e que se apresentaria como manifestação do esperar, dando sobrevida às próximas gerações.

Palavras-chave: Cidadania. Contemporâneo. Extinção.

ABSTRACT

This essay aims to reflect on the need for the emergence of a cosmology of thought so that we can exercise our global citizenship and, like that, avoid or delay the process of extinct and/or dilapidation of rights and democratic regimes. During our reflection we visited the thoughts of numerous contemporary authors, such as: Ailton Krenak, Edgar Morin, Giorgio Agamben, Noam Chomsky, Zygmunt Bauman, among others. We highlight some reflections and emergencies of our time, guiding the possibility of a change of direction through a reform in thought that presents itself as a cultural manifestation, promoting the emergence of a cosmology of thought that could dictate new paths and that would present itself as a manifestation of hope, giving survival to the next generations.

Key words: Citizenship. Contemporary. Extinction.

1. O EMERGIR DE NOVAS COSMOLOGIAS, UMA QUASE INTRODUÇÃO.

Fui convidado pelo mestre Pedro Arturo, a escrever um texto para compor esse e-book. De início, tremi com a proposta. Não apenas porque seria um desafio, visto o prazo apertado e conflitante com a conclusão dos créditos do mestrado, mas porque tenho muita estima e respeito pelo nobre professor e não sabia se corresponderia à altura, tamanha confiança depositada em mim. Mas, como sempre fui estimulado por desafios, aceitei.

Foi então que se apresentou uma segunda aflição, o tema: “Cidadania mundial: um sonho possível?”. Como escrever sobre um tema tão atual, vasto e conflitante? Logo me veio à mente uma infinidade de perspectivas e possibilidades. Atualmente, no mestrado, tenho pesquisado sobre violência e políticas públicas, mas um tema que nunca me escapou e que sempre tenho estudado são as intercessões da arte com a ciência, especialmente através da literatura. Assim, como vêm, o desafio se potencializou, muita coisa emergiu. A única coisa certa era que o direito (positivo), uma das minhas áreas de formação, não seria o ponto principal da minha reflexão.

O Direito é um belo campo do saber, mas, em minha opinião, sempre atrasado e pouco eficaz. Poucas mudanças de paradigmas, ao longo da história, foram frutos da Ciência Jurídica. O Direito, no sistema *Civil Law*, por exemplo, muitas vezes vem para regular o que já está posto, já é vivido, experimentado. Por vezes, rapidamente, torna-se ineficaz, ultrapassado e/ou violentamente contrariado.

Se olharmos para o atual Brasil (escrevo em dezembro de 2022, ainda com Bolsonaro na Presidência), vemos claramente o que está posto acima. Aqui, como bem ensina Marilena Chauí (2021), a Lei para uns é privilégio, para outros, repressão. Mas, por outro lado, as disposições legais nos Estados Democráticos Modernos têm sido cruciais para sustentar “o mínimo do mínimo”, para garantir a égide de estados democráticos. Mais uma vez assevero, olhando para o Brasil e o seu atual momento político, vemos nitidamente o que estou a dizer (nesse ponto faço uma ressalva, não basta o direito pelo direito, se faz necessário que tenhamos instituições minimamente fortes, e precisamos, ainda, que uma boa parte do povo tenha absorvido o que está vigente, efetivando-o, como manifestação cultural).

Mas, como disse: desafios me movimentam. Na verdade, nos movimentam (toda a humanidade). E esse movimento se dá até mesmo quando ficamos estáticos. Um corpo coletivo estático, certamente movimenta o mundo, mesmo que seja para “destruição” e/ou extinção, esta, como Noam Chomsky¹ prefere chamar a catástrofe iminente.

Morin (2010, p. 41), em artigo escrito para o *Fronteiras do Pensamento*, aduz:

Eu digo que se chegará ao fim da história porque as sociedades históricas, incapazes de encontrar soluções, rumam para a morte. E então, podemos perguntar, esses oito mil anos de história não são o destino da humanidade? Houve dezenas de milhares de anos antes da história e pode haver outros anos depois da história, quero dizer, depois das guerras, depois das

¹ Podemos nos aprofundar sobre o assunto no livro “Internacionalismo ou Extinção” (2020), onde Noam discursa sobre paralelos políticos e posturas coletivas.

sociedades fechadas umas nas outras, uma sociedade de tipo novo que jamais existiu, que seria uma sociedade-mundo, produto dessa metamorfose. Isso é possível? Então, examinemos a questão sob o ângulo da probabilidade. O que é uma probabilidade?

É quando o observador, num dado lugar e num dado momento, de posse das melhores informações possíveis, pode estabelecer desdobramentos futuros a partir dos que ocorrem no presente.

Então, buscando viver o esperar freiriano, como estímulo ao processo criativo da escrita, me perguntei: Estamos mesmo salvando o mundo? As perguntas sempre movimentaram a humanidade, elas são desafios justapostos, mas, para mim, há um grande problema: fomos perdendo a capacidade de fazer as perguntas corretas, seja pelo advento da técnica e/ou os rumos que a ciência e a educação seguiram desde então. Perdemos algo crucial, a capacidade de ouvir (só me percebi dentro desse movimento de “surdez coletiva”, devido a sensibilidade da graduação em psicologia, onde tive de reaprender a escutatória²).

Isso me faz pensar que, durante as várias contemporaneidades que vivemos, uma coisa nos marcou e ditou a forma de nos comportarmos: uma cosmologia do pensamento (o capital, na modernidade, apoderou-se dela muito bem). Gosto de pensar que tal cosmologia está diretamente associada a nossa capacidade de ouvir, de aceitar ou não, a complexidade do mundo ou do cosmos que nos rodeia.

Quando falo isso, não há como não pensar em Mia Couto. Quando escreve que “fomos deixando de escutar”, ele diz:

E faço aqui, em família, uma confissão: me entristece o quanto fomos deixando de escutar. Deixamos de escutar as vozes que são diferentes, os silêncios que são diversos. E deixamos de escutar não porque nos rodeasse o silêncio. Ficamos surdos pelo excesso de palavras, ficamos autistas pelo excesso de informação. A natureza converteu-se em retórica, num emblema, num anúncio de televisão. Falamos dela, não a vivemos. A natureza, ela própria, tem que voltar a nascer. E quando voltar a nascer teremos que aceitar que a nossa natureza humana é não ter natureza nenhuma. Ou que, se calhar, fomos feitos para ter todas as naturezas. (COUTO, 2005, p. 92)

Assim, umas séries de fatores, concomitantemente reunidos, nos fazem pensar nessas emergências de reunirmos um pensar sobre novas cosmologias, especialmente a do pensamento, crucial para “deixar morrer” este mundo e “fazer nascer” um novo.

² Termo cunhado por Rubem Alves. O seu texto “Escutatória”, pode ser baixado na página: <
https://www.inf.ufpr.br/urban/2019-1_205_e_220/205e220_Ler_ver_para_complementar/RubemAlves_Escutat%C3%B3ria.pdf

O aprimoramento de uma cosmologia do pensamento nos serve de instrumento de pesquisa, proporcionando a nós, pesquisadores, uma visão complexa e expandida da matéria estudada, auxiliando, uma visão contemporânea dos fatos sociais. Para tanto, novos paradigmas devem surgir.

Paula Strob, na apresentação a obra de Edgar Morin (2010, p. 9), leciona:

A expressão *sustentabilidade do desenvolvimento* não significa um ajustamento suplementar à racionalidade do desenvolvimento moderno. O âmago do conceito – o princípio ético de solidariedade – guarda o imenso desafio contemporâneo de assegurar a sustentabilidade da humanidade no planeta, no interior de uma crise de civilização de múltiplas dimensões interdependentes e interpenetrantes: ecológica, social, política, humana, étnica, ética, moral, religiosa, afetiva, mitológica... A sustentabilidade do desenvolvimento é um problema complexo, porque a sua essência está imbricada em um tecido de problemas inseparáveis, exigindo uma reforma epistemológica da própria noção de desenvolvimento.

Agamben (2009) defende que seus alunos devem ser contemporâneos, ou seja, devem olhar para o seu tempo e observar não só as luzes nele presentes, mas a escuridão que também lhe é peculiar. Contemporâneo não é aquele que está imerso em seu tempo, mas que consegue se distanciar dele para observar as luzes e a escuridão nele presentes.

A arte, através da literatura de Saramago, já havia pensado nisso. Em “O conto da ilha desconhecida” ele diz “que é necessário sair da ilha para ver a ilha”. (SARAMAGO, 1980, p.11)

O texto “*O que é contemporâneo?*” de Giorgio Agamben (2009), foi escrito a partir da lição inaugural para o curso de Filosofia Teorética, ministrado entre 2006 e 2007. Tinha como intenção demonstrar aos alunos que a capacidade de cada um deles de se fazer contemporâneo ao seu tempo, assim como a de autores e textos que iriam estudar, era crucial para o sucesso do curso. Neste contexto, ele “elaborou” um conceito mais amplo de contemporaneidade - que a “desligava” da perspectiva temporal.

Agamben define:

A contemporaneidade, portanto, é a singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Neste sentido, o contemporâneo, tem como característica um presente que nunca pode nos alcançar. Ser contemporâneo significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro de uma época, mas também perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós (AGAMBEN, 2009, p. 65).

A esta altura, ao fim deste “primeiro bloco” de reflexões, já salta aos olhos a forma ensaística a qual empreguei na escrita do texto, tudo para tentar dar conta de uma mínima parcela do desafio que fora proposto pelo professor Pedro. Espero que gostem.

2. (ECO)MODERNISMO – O IMANIFESTO QUE MATA.

Para pensar em uma cidadania mundial, pretendo começar pela seguinte reflexão: Estamos vivendo os mesmos dramas? Responderia essa pergunta com um sonoro “sim!”, embora não consigamos perceber ou neguemos incessantemente. É só pensar no termo cunhado e trabalhado por Noam Chomsky (2020), “EXTINÇÃO”. O drama da extinção não é refletido por ele de forma gratuita, ele o crava para pensarmos sobre “as grandes ameaças à existência humana”. Portanto, não tenho dúvidas que vivemos os mesmos dramas, mas, também, é indubitável, que o vivemos de formas diferentes, alguns (bem poucos) o vivem sem “sofrimento”, outros (a grande maioria) sofrem mais, bem mais, isto é, quando sobrevivem.

Se compartilhamos os mesmos dramas, talvez, apenas talvez, compartilhem os mesmos sonhos, as mesmas procuras, embora, mais uma vez, não reconheçamos. Nesse contexto, somos mais parecidos do que pensamos.

Refletindo sobre os ensinamentos de grandes autores, aqueles que nos desnudam as emergências do atual viver, como Bauman, Morin, Mia Couto, dentre outros, percebi que não saímos ilesos ao choro e sofrimento de uma criança africana, por exemplo. Mas diria que esse exercício pode ser feito para pensar uma criança em qualquer localidade do globo terrestre. Não saímos ilesos ao sofrimento de outro ser humano, ademais, de outro ser vivo, qualquer que seja.

Essa é uma, apenas uma, das inúmeras mensagens imanifestas que vivemos. E como tudo que é manifesto no mundo provém do que é imanifesto, a mercadoria e sua fetichização, se pensarmos nossa sociedade de consumo, esconde o sofrimento de milhares de crianças tailandesas ou chinesas, por exemplo. O sistema se move diante da sobreposição de imanifestos, diria eu.

Assim, a natureza surge como mercadoria em publicidades (eco)modernistas. Hoje, todo o “eco” é vendável e explorado pelo capital, que dita o imanifesto desmoronamento dos valores singulares a existência humana, através da exploração de um “estilo de vida ecológico”, pautado pelo capital, onde o imanifesto é explorado, embora esquecido, ou é sobreposto para dar margem ao manifesto da imagem “eco”.

Compra-se tênis produzido com material ecológico, reciclado, mas usa-se duas ou três vezes, quiçá nenhuma, substituindo-o por outro, da próxima moda. Roupas novas, “exploram” a aparência de roupas surradas, mas o guarda-roupa tem se renovado, quando muito, anualmente. Ou seja, gasta-se mais, consome-se mais, usa-se menos, em “nome do planeta”. Seria como “matar Deus em nome do próprio Deus”. Eis um paradoxo que gosto de chamar de (eco)modernista.

É salutar observarmos que o termo “(eco)modernismo” cunhado aqui, diferencia-se epistemologicamente do termo ecomodernismo, mas, ao mesmo tempo, são paradoxos que se complementam. Este, amparado nas idéias da filosofia ecomodernista, lançada com o intuito de defender os humanos deles próprios, assevera propostas que visam proteger a natureza e proporcionar bem-estar através do desenvolver e do aprimorar de tecnologias que mediassem o desenvolvimento humano, causando menos impactos ambientais (perdeu-se no tempo e na essência do capital). Talvez não contassem com a perspicácia do capital e/ou a complexidade das suas demandas (hoje, já salta aos olhos o impacto maléfico que pode causar as ditas energias limpas). Já aquele, vem como uma construção metafórica que nos auxilia a pensar criticamente as vertentes atuais do ecomodernismo (tocada e deturpada pelo capital), pautando-lhe dentro das necessidades do emergir de um pensamento que transforme a natureza do sujeito pós-moderno, fazendo-lhe, contemporâneo.

Krenak, em “Ideias para adiar o fim do mundo”, diz que “estar com aquela turma me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza”.

Complementa, na mesma página:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem -, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p.15)

Honestamente, acho que vivemos, sim, uma cidadania mundial. Mas não a exercemos. Não a exercemos por inúmeros aspectos, dentre eles, os imanifestos que nos tornam consumidores vorazes e nos distanciam da nossa essência, consumindo, inclusive, nossa própria vida. Falo isso após citar Krenak, porque destoa um pouco do que ele propõe. Ele nos ensina que ao ponto que nos tornamos consumidores, nos distanciamos da possibilidade de sermos cidadãos (e cidadania está umbilicalmente ligada ao “ser cidadão”). Eu acredito que se somos partes de um organismo, como ele bem ensina na citação acima, cidadania é algo intrínseco a nós. Ou seja, está em nós, queiramos ou não. Temos um destino comum, a extinção. Talvez não vivamos para presenciá-lo, mas isso não faz com que ele deixe de existir.

Sendo assim, ele tem toda razão quando diz que as “nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando.” (Krenak, 2019, p. 19).

Mas, em contrapartida, não concordo quando, citando José Mujica, diz “que transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos”. Não concordo justamente porque acho que somos cidadãos (embora, talvez, a forma como exercemos esse dádiva, seja prejudicial a nós mesmos), e mais, somos cidadãos mundiais, unidos por um destino catastrófico, embora, como dito, não exerçamos a cidadania oriunda do “ser cidadão”. Em razão desse não exercício, que como podemos perceber, se dá em várias frentes, de forma multipolar, é que precisamos urgentemente pensar uma cosmologia do pensamento que retome o holismo da vida.

Pode parecer paradoxal quando afirmo que o não exercício se dá de forma multipolar e, ao fim, rogo para que retomemos o holismo da vida. Explico-lhes: aqui, tenho o holismo como uma vivência que se une ao todo, que o reconhece como a soma das partes (inclusive as imanifestas), mas que não se resume a isso, pois sabe que o todo é diferente da soma das partes. Já quando falo no multipolar, falo naquela sobreposição de partes que embora impunham efeitos catastróficos, são observadas de forma pontual, reducionista e técnica (no intuito de controlá-las, embora, quanto mais a conheçamos, mais perdemos o controle).

O resgate de uma cosmovisão, através do pensar na emergência de uma constituição e/ou reestruturação de uma cosmologia do pensamento, pode ser a forma com a qual conseguiremos resgatar o que ainda nos é comum, pode, também, ser a forma como um

conjunto de culturas, embora diferentes, possam coexistir e contribuir, umas com as outras. E isso não é utopia, é um diálogo necessário à sobrevivência.

Nós somos os únicos seres vivos que podemos pensar o mundo, cuidar do mundo e criar um novo mundo. Assim, podemos, ainda, celebrar uma comunidade mundial e o emergir de uma cosmologia do pensamento que nos possibilite sobreviver dentro de uma cidadania mundial. Para tanto, como nos estimula Ortiz (2007, p.07), precisamos pensar “a existência de processos globais que transcendem os grupos, as classes sociais e as nações”.

Conforme leciona Ortiz (2007, p. 07 e 08):

Na virada do século, percebemos que os homens encontram-se interligados, independentemente de suas vontades. Somos todos cidadãos do mundo, mas não no antigo sentido, de cosmopolita, de viagem. Cidadãos mundiais, mesmo quando não nos deslocamos, o que significa dizer que o mundo chegou até nós, penetrou nosso cotidiano.

Vale lembrar, tal cosmologia, não está para desenvolver unidades, mas, sim, para acomodar multiplicidades e complexidades, para cuidar com compreensão, compaixão e amor, é uma pedagogia do afeto, que aprimora a lida com aquilo que nos penetra no cotidiano de cidadãos mundiais.

O exercício de uma cidadania mundial, também, necessariamente, está ligado ao respeito pela mãe terra, ao aprimoramento de uma ecopedagogia (que já está presente em saberes ancestrais).

Por vezes, renegamos uma cosmologia oriunda de saberes ancestrais, mas continuamos a dar três batidinhas na madeira para “espantar o mau agouro”. Não sabemos que essa prática milenar, e que ainda vive em nós, é oriunda de batidas em árvores para despertar bons espíritos que ali residiam.

Marcos Terena, em participação na obra de Edgar Morin (2010, p. 22 e 23), comenta:

Porque os remédios indígenas nunca terão efeitos colaterais. Nunca serão usados para adoecer as pessoas, como fizeram com a maconha, a coca, o *ayuaska* e outras tantas plantas medicinais que eram símbolo da magia de viver e que viraram vício. Foram deturpadas por causa do lucro econômico e viraram pobreza social.

Enfim, como nos ensina Morin (2020, p. 11): “A razão do que é científico se projetou no mundo e se incorporou a ele. Da mesma forma, os que acreditam em um “espírito do universo” projetam seu espírito no universo e o incorporam a ele”.

Os que projetam sua razão no universo tendem a considera a irracionalidade uma ilusão dos ignorantes e, assim, se tornando eles próprios irracionais na ilusão racionalista, tendem a ficar cegos à irracionalidade do mundo. Quanto mais vemos o que existe de racional, mais é necessário ver também o que escapa à razão. (MORIN, 2020, p. 11)

Pensemos, então, que nós (do agora!) é que somos responsáveis por nossa existência (atual e futura), pelo nosso futuro e pelo futuro daqueles que vão nascer; essa responsabilidade não é deles (dos que vão nascer). Não podemos direcionar-lhes esse fardo.

3. O SABER E O NOSSO TEMPO.

Edgar Morin (2020, p. 7), no prelúdio à obra “Conhecimento, Ignorância, Mistério”, traz uma citação de John Wheeler, que talvez seja a que mais desnude o que ali vai ser tratado, a parte final da citação diz: “[...] e à medida que a ilha do conhecimento se amplia, se alargam também as margens da nossa ignorância”.

Para pensarmos em uma cosmologia do pensamento, certamente, precisamos pensar na constituição de um saber, que, também, perpassa a ciência contemporânea. Pensar em ciência como única construção de um saber edificante é um desafio e um erro. Estamos sabendo cada vez mais sobre cada vez menos, na busca por controle e perfeição, dividimos o corpo humano em minúsculos pedaços e o corpo não mais é visto como um corpo que sobrevive e necessita de corpos para existir. Morin (2020, p. 40) nos ensina que “a imperfeição é necessária ao mundo”.

Perspectivas se dissipam ou se multiplicam; realidades se constroem; haja vista que fazer ciência se transformou na perspectiva de valorar idéias visíveis. Há muita ciência e muitas verdades, mas, ao mesmo tempo, há algo paradoxal, pouca ciência e pouca verdade. Diante da ordem maior: produzir. Muita coisa se perde. Produzimos, publicamos, recriamos ou co-criamos mercadologicamente (afinal, só se vende o que é visto e o imanifesto causa medo, espanta).

A vida está se tornando o que “antes pensávamos que fosse”, ou seja, materializamos e pré-formatamos o nosso viver. Eis o problema de uma ciência meramente técnica, visível, experimentável.

Morin apregoa:

A vida é um fenômeno extraordinário no universo físico-químico, tanto mais extraordinário na medida em que dele brotou deixando de se parecer com ele. Tudo é espantoso nela, organização, reprodução, qualidades emergentes.

E, no entanto, tudo é trivializado: com seu olhar analítico, o biólogo vê apenas moléculas.

As palavras programa, informação, acaso, moléculas ocultam a complexidade da organização viva e banalizam a vida, reduzindo-a a termos informáticos e químicos com certeza úteis, mas redutores. Só o espírito poético, que às vezes se manifesta em cada um de nós, se espanta, se maravilha, se aflinge por viver. (MORIN, 2020, p. 48)

Uma cidadania mundial só pode ser pensada “fora” de atribuições técnico-científicas eivadas de um materialismo científico mercadológico, portanto, no plano de novas cosmologias que rompam com paradigmas dominantes.

Cultivo Rosas do Deserto, elas são imanifestas até surgirem, mas quando surgem, mesmo depois de todo encanto, vão a terra renovar ciclos e proliferar intermináveis vidas. O imanifesto poderia nos servir de parâmetro para entender o que é pensar uma cidadania mundial dentro do paradigma científico dominante ou sob as reflexões de uma nova cosmologia do pensamento que nos auxilie a ultrapassar o paradigma científico dominante, reconhecendo no mistério a força de uma existência, já que o imanifesto emana (ou seria imana?) da natureza e tudo que é manifesto decorre dele.

Que narrativa estamos construindo? O refletir de uma resposta para essa pergunta pode nos abrir inúmeras possibilidades. Podemos, como bem ensina Krenak, aprender que o afeto é uma pedagogia da terra. Lá atrás, aprendemos com Krenak, que tudo é natureza. Se tudo é natureza, diria que tudo é relação. Se tudo é relação, não existimos fora. Até para validarmos a nossa condição de existência precisamos do outro. Só existimos porque existimos para alguém.

Bauman (2005, p. 95) diz que:

Estamos no limiar de outra grande transformação: as forças globais descontroladas, e seus efeitos cegos e dolorosos, devem ser postas sob o controle popular democrático e forçadas a respeitar e observar os princípios éticos da coabitação humana e da justiça social.

Morin (2010, p. 28) nos ensina que “cada civilização possui os seus valores e é muito importante que se faça o intercâmbio dos valores [...]”. Leciona ainda que “a existência não pode ser quantificada. Não há como se quantificar o sujeito humano. Dor e amor não podem ser quantificados” (MORIN, 2010, p.30).

Na mesma obra, Morin assevera que Boétie faz uma boa pergunta:

Por que sempre a dominação, a tirania, por que sempre? Ele disse: os ditadores são muito poucos e o povo muito grande, então por que o povo obedece? Sim, há medo, há armas, há repressão. Porém, Boétie disse também que há um modo de aceitar a submissão porque a submissão impede de pensar; porque a submissão é um modo mecânico onde não há mais iniciativa. Digamos que a problemática da submissão vem não unicamente dos que têm poder, mas também de nós, dos povos e dos indivíduos humanos. (MORIN, 2010, p. 37)

Eis a emergência da cosmologia que chamo a reflexão. Precisamos pensar no problema de “como fazer uma nova sociedade?”. Uma coisa é certa: para fazermos uma nova sociedade, precisamos deixar a atual “morrer”.

Um dos desafios impostos ao emergir ou reestruturar de uma cosmologia do pensamento é que teremos de reaprender, repensar o pensamento, como diria Morin. Mudar as estruturas de um pensamento é sempre algo muito difícil. Mas precisa ser feito e, algo mais difícil ainda precisa acontecer: ser feito em comunhão.

Devemos, necessariamente, seguir a lição de Paulo Freire, libertarmo-nos em comunhão. Freire nos ensinava com maestria que: “não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feita por outros” (FREIRE, 1987, p.30). O emergir dessa “nova” cosmologia não seria uma espécie de libertação?

Acho que perceberam que sempre tenho enfatizado emergir, surgir e/ou reestruturar, modificar, etc. Tenho posto assim porque acredito que a cosmologia do pensamento já exista, embora não seja reconhecida como tal.

Pretendemos constituir uma reflexão onde possamos interrogar saberes do nosso tempo, onde fiquemos inquietados com axiomas e concepções inibidoras, que tendem a ser controladoras. O conhecimento para ser conhecimento é impertinente, escapa das nossas mãos. O conhecimento controlado, posto, imodelado, está a cumprir um serviço em nome de alguém.

Boff, citando a Carta da Terra, traz: Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo [...] Isso requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal [...] (BOFF, 2015, p. 13)

Portanto, conforme leciona Pedro Arturo Rojas Arenas (2007, p. 5):

A partir de então, a análise clássica dos problemas sociais contemporâneos, tal como fora apresentada pelos acadêmicos da universidade, tornou-se ainda

mais frágil e limitada. A necessidade dum modelo de interpretação holístico, inspirado num novo princípio renovador da civilização, resulta inquestionável.

Portanto, eis a emergência de invocarmos um novo plano de pensamento que corrobore com uma reestruturação do pensar, com a consolidação de uma cosmologia do pensamento ligada à Sobrevivência. Talvez, só assim, exerçamos nossa tão sonhada cidadania mundial.

Se não entendermos que “o que é carne para alguns pode ser veneno para outros” (BAUMAN, 2005, p. 102), estaremos fadados ao fracasso, conseqüentemente, a extinção.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ARTURO, Pedro; ARENAS, Rojas. **Textos para um novo contexto**. 2ª ed. Mogi Mirim: Planeta paz, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOFF, Leonardo. **Direitos do coração: como reverdecer o deserto**. São Paulo: Paulus, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre a violência**. Organizadoras Ericka Marie Itokazu, Luciana Chaui-Berlinck. 1ª ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CHOMSKY, Noam. **Internacionalismo ou extinção – Reflexões sobre as grandes ameaças a existência humana**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2020.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Pensatempos – textos de opinião**. Alfragide - Portugal: Editorial Caminho, 2005.

Fronteiras do Pensamento: **Ensaio sobre cultura e estética**/ organizadores Gunter Axt e Fernando Luís Schüler. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. Companhia das Letras, 2019.

_____. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORIN, Edgar. **Em buscas dos fundamentos perdidos – textos sobre o marxismo**. Tradução de Maria Lucia Rodrigues. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Conhecimento, ignorância, mistério**. Tradução de Clóvis Marques. 1ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

_____. **Saberes globais e saberes locais:** o olhar transdisciplinar. Participação Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

_____. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução de Edgard Assis de Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida.** Alfragide – Portugal: Editorial Caminho - SA, 1980.